



Trabalho 1403

RELACIONAMENTO INTERPESSOAL ENTRE MÃES E ENFERMEIRO NO PROCESSO DE INTERNAÇÃO DE CRIANÇAS EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA.

Theo Duarte da Costa¹, Viviane Euzébia Pereira Santos², Kálya Yasmine Nunes de Lima³, Cristiane Lima de Almeida⁴, Lailson Francisco dos Santos⁵, Rayssa Horacio Lopes⁶

Introdução: As cardiopatias congênitas são anormalidades funcionais que podem causar desde simples a complexos agravos e na ocorrência desta há um grande impacto na vida dos pais. Esta se configura como uma doença com características graves, que provoca várias internações da criança, além de estar permeada por incertezas, a exemplo da possibilidade de óbito precoce e a necessidade, na maioria dos casos, de uma intervenção cirúrgica¹. Portanto o enfermeiro frente à criança com cardiopatia congênita tem o papel de avaliar e acompanhar a criança doente e sua família, estabelecendo um relacionamento intersubjetivo, procurando avaliar a situação estrutural da família, para que ambos possam ter uma convivência harmoniosa dentro do ambiente hospitalar. **Objetivo:** descrever os fatores que interferem no cuidado as crianças interna em Unidades de Terapia Pediátrica e suas mães acompanhantes. **Descrição metodológica:** Constitui-se de um estudo de natureza descritivo e exploratório, realizado em uma Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica da cidade de Natal/RN. A população deste estudo foram enfermeiros e mães de crianças submetidas à cirurgia cardíaca. Fizeram parte do grupo de inclusão deste estudo os enfermeiros da UTI pediátrica ou neonatal, que atuavam a mais de 06 meses, e excluídos os enfermeiro que não fazem parte do quadro permanente de plantonista, que estivessem de férias ou afastado por outros motivos. Com relação às mães foram incluídas aquelas que o filho se submeteu a cirurgia cardíaca nos meses de abril e março sendo excluídas, mães com crianças em situação de pós operatório-imediato. O projeto foi aprovado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com o CAAE - 0335.0.051.000-11. Para coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, para as mães e enfermeiros. Os questionamentos versavam sobre nuances do relacionamento interpessoal entre profissional e as mães bem como a participação desta durante a recuperação pós operatória dos seus filhos. Os dados foram coletados no período de março a abril de 2012 e para análise dos dados foi realizado o cruzamento entre aqueles obtidos pelas entrevistas com as mães e com as enfermeiras verificando os consensos e dissenso existentes na realidade, comparando-as com referencial teórico apropriado. **Resultados:** as falas foram agrupadas em três tópicos: o primeiro deles foi denominado **A participação das mães no cuidado**, observou-se a preocupação quanto aos

¹ Doutorando em Enfermagem do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFRN. Enfermeiro do Estado do Rio Grande do Norte. Membro do grupo de pesquisa laboratório de investigação do cuidado, segurança e tecnologias em saúde e enfermagem. E-mail: theodcj@hotmail.com

² Doutora em Enfermagem. Professora Adjunto do Departamento de Enfermagem e Pós Graduação em Enfermagem e Vice-líder do grupo de pesquisa laboratório de investigação do cuidado, segurança e tecnologias em saúde e enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Associada efetiva da ABEN-SC. E-mail: vivianeepsantos@gmail.com

³ Mestranda em Enfermagem do Programa de Pós Graduação da UFRN. Membro do grupo de pesquisa laboratório de investigação do cuidado, segurança e tecnologias em saúde e enfermagem. E-mail: lima.yasmine@yahoo.com.br

⁴ Enfermeira Cirurgia Cardíaca Incor Natal. Aluna do curso de Especialização em Perfusão - Unifesp E-mail: cris_enf2008@hotmail.com

⁵ Enfermeiro do Centro de Cuidados Parnamirim/RN da Universidade Potiguar. E-mail: lailsonsantos6@hotmail.com

⁶ Mestre em Enfermagem. Professora da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EEN/UFRN). Membro do grupo de pesquisa Saúde e Sociedade da EEN/UFRN. E-mail: rayssahlth@hotmail.com



Trabalho 1403

cuidados dispensados ao seu filho quando referem que somente elas conhecem os desejos de seus filhos. Isto demonstra a necessidade de um trabalho interativo entre equipe e familiar, transmitindo maior número de informação e, conseqüentemente, maior segurança. Quando a criança pode contar com a assistência da mãe, poderá ser mais capaz de suportar os sofrimentos e ansiedades surgidos durante a doença e a hospitalização, pois ela oferece suporte emocional no sentido de transmitir segurança e proteção. A literatura aponta, a partir de outros estudos sobre a temática, que apesar de o enfermeiro prestar a assistência de forma carinhosa, continua sendo seu papel, desconhecido para o pequeno paciente, gerando insegurança³. No segundo tópico, **Desconhecimento acerca do estado da criança**, diante da análise dos dados, para os enfermeiros, as mães não possuem muito conhecimento sobre a rotina nas unidades hospitalares, bem como da situação que seu filho encontra-se no pós-operatório, ficando evidente que as mães precisam receber mais esclarecimentos acerca da condição do filho após a cirurgia. Nesse sentido, os achados desse estudo corroboram com pesquisas anteriores, em que, para o enfermeiro, o familiar também precisa ser consciente do papel que tem na melhora do quadro clínico do paciente, para que tenha condições de desempenhar um bom cuidado no ambiente hospitalar e no domicílio após a alta. No terceiro tópico, **Incluindo a mãe no processo de cuidar**, a relevância da assistência oferecida pela mãe ao seu filho internado foi reconhecida pelos enfermeiros. Evidenciou-se também, que para estes profissionais, o cuidado prestado à mãe é necessário devido à gravidade da doença apresentada pela criança, e que requer uma equipe multiprofissional, sendo o enfermeiro o elemento chave neste processo, proporcionando conforto emocional e a compreensão do que está ocorrendo com a criança através do uso de tecnologias leves. Assim com a finalidade de interagir e se aproximar da mãe, o enfermeiro pode e deve explicar os procedimentos antes de serem realizados na criança, oferecendo treinamento para que esta possa realizar alguns deles em casa. Ao integrar o acompanhante nas atividades realizadas dentro do hospital, ele poderá se sentir mais acolhido, contribuindo no processo de cuidar³. **Conclusões:** Evidenciou-se a necessidade de um bom relacionamento interpessoal entre familiar e profissional, valorizando uma assistência humanizada. Para prestar uma assistência adequada, é necessário criar vínculos possibilitando um cuidado holístico, minimizando o stress e ansiedade vividos pela família decorrente da internação. Aliar a família, nesse caso a mãe, como um sujeito indispensável para o cuidado de enfermagem e para o cuidado da criança significa potencializar a assistência oferecida por essa classe profissional. É necessário que o enfermeiro demonstre disponibilidade e atenção e competências relacionadas à comunicação, tornando-as instrumentos essenciais na prática do cuidar. **Implicações prática:** A internação causa um grande stress para família, construindo situações indesejáveis dentro as quais está à deficiência de informação sobre o conjunto de um procedimento cirúrgico. A relação entre mães e enfermeiros durante o processo cirúrgico despertou para a importância de uma sistematização adequada para melhor assistir essas mães.

Descritores: Enfermagem. Criança Hospitalizada. Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica.

Eixo II - Interfaces da Enfermagem com práticas profissionais e populares de cuidado em saúde;

Referencias

Rocha DLB, Zagonel IPS. Modelo de cuidado transicional à mãe da criança com cardiopatia congênita. Acta Paul Enferm. 2009; 22(3): 243-9. [Acesso em 2012, dez 08] disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002009000300002&script=sci_arttext>



Trabalho 1403

Morais GSN, Costa SFG. Experiência existencial de mães de crianças internadas em unidades de terapia intensiva. *rev.escola de enfermagem da USP*. 2009; 43(3): 243-9. [Acesso em 2012, dez 08] disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342009000300020&script=sci_arttext >

Murakami R, Campos CJG. Importância da relação interpessoal do enfermeiro com a família de crianças hospitalizadas. *Brasília. Rev. bras. enferm.* 2011 mar./abr.; 64(2).